



CESE info

Comité Económico e Social Europeu

Uma ponte entre a Europa e a sociedade civil organizada
Janeiro 2020 | PT

EDIÇÃO ESPECIAL DO CESE INFO - PRÉMIO PARA A SOCIEDADE CIVIL

Línguas disponíveis:

bg cs da de el en es et fi fr ga hr hu it lt lv mt nl pl pt ro sk sl sv

Editorial



Caras leitoras, caros leitores,

Enquanto voz da sociedade civil europeia, o Comité Económico e Social Europeu (CESE) apoia e reconhece o inestimável trabalho das diversas organizações da sociedade civil, dos sindicatos e das organizações de empregadores na UE, que laboram todos os dias, de diferentes formas, para fazer da nossa União um lugar melhor.

Uma vez por ano, o CESE atribui um prémio especial para comemorar e homenagear realizações concretas da sociedade civil da UE num determinado domínio, após cuidadosa seleção de um tema que abranja uma parte importante do seu trabalho. Este ano, atribuímos o Prémio CESE para a Sociedade Civil pela décima primeira vez e tenho o prazer de anunciar que foi dedicado à emancipação das mulheres e às ações em prol da igualdade entre homens e mulheres.

O tempo passa, mas a desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres persiste. É inaceitável que, ainda hoje, as mulheres, que constituem mais de metade da população da UE, continuem a ser discriminadas.

É inadmissível que, no começo desta nova década, os direitos das mulheres estejam ameaçados na Europa. É igualmente inaceitável que, em média, as mulheres ganhem menos 16% do que os homens ou estejam sujeitas a um maior risco de pobreza na terceira idade em relação aos homens.

O nosso prémio realça que a sociedade civil europeia é um fervoroso defensor da igualdade entre homens e mulheres. Sob o tema «Mais mulheres na sociedade e na

economia europeias», o Prémio CESE para a Sociedade Civil de 2019 recebeu 177 candidaturas, o segundo número mais elevado de sempre a seguir à edição de 2016 sobre o tema da migração.

Como verá nesta edição especial do boletim informativo, os projetos que recebemos promovem a participação ativa e a integração das mulheres, bem como a emancipação das mulheres em situação vulnerável ou desfavorecida, destacando o trabalho inovador das mulheres e os seus papéis na sociedade e denunciando os estereótipos e a discriminação omnipresentes.

Todas as candidaturas, em particular as cinco iniciativas galardoadas, realçam que muitos de nós querem agir e fazer com que a nossa sociedade se torne verdadeiramente igualitária para homens e mulheres.

A vencedora do primeiro prémio, a associação italiana Toponomastica femminile [Toponímia Feminina], considera que a toponímia – o estudo dos nomes dos lugares – é um bom indicador da forma como uma sociedade valoriza os seus membros. Ao tentar atribuir o nome de mulheres notáveis a mais arruamentos e lugares dos municípios, pretende sensibilizar para o contributo das mulheres para a sociedade e a história e dar-lhes finalmente o reconhecimento público que merecem.

O maior movimento pelos direitos das mulheres, a Strajk Kobiet [greve das mulheres polacas], reivindica mais direitos para as mulheres através de protestos e marchas. Desde a sua Greve da Segunda-Feira Negra em 2016, na qual participaram mulheres de 150 municípios polacos, organizou mais de 1500 protestos para reivindicar a defesa dos direitos das mulheres e uma sociedade mais justa. O seu objetivo atual é reforçar ainda mais a sua rede, capacitando as mulheres de municípios polacos de pequena e média dimensão, pois considera que são uma importante força motriz da mudança social.

Os papéis de género estereotipados são inculcados às raparigas e aos rapazes desde a mais tenra idade, criando um terreno fértil para a desigualdade futura na idade adulta. Com o seu projeto intitulado «Contos de Fadas», a associação búlgara NAIA ensina as crianças a verem além dos papéis tradicionais de género e a descobrirem as oportunidades que estão ao alcance de todos – tanto de raparigas como de rapazes.

A iniciativa #mimmitkoodaa [as mulheres programam] luta contra o estereótipo segundo o qual todos os criadores de *software* devem, por definição, ser homens. Através do trabalho em rede e de seminários, apoia as mulheres que querem explorar oportunidades na indústria do *software* e ajuda-as a orientarem-se para carreiras mais empolgantes e empregos mais bem remunerados.

Por último, a Brussels Binder tem como objetivo aumentar a presença das mulheres em painéis e nos meios de comunicação social em Bruxelas. Pretende demonstrar não só que existem mulheres ativas e competentes em todos os domínios profissionais, mas também que as mulheres têm o direito de participar e de dar a sua opinião nos debates e na tomada de decisões sobre políticas a nível europeu.

Isabel Caño Aguilar

Vice-presidente responsável pela Comunicação

Em síntese

[Veja a cerimónia de entrega do Prémio para a Sociedade Civil 2019](#)

Reviva os melhores momentos da cerimónia de entrega dos prémios com o nosso vídeo!

[Brochura sobre o Prémio CESE para a Sociedade Civil](#)



O CESE publicou uma brochura que apresenta os cinco projetos vencedores, bem como informação gerais sobre o Prémio para a Sociedade Civil.

Podem descarregá-la no seguinte endereço: <https://www.eesc.europa.eu/pt/node/76077>

[Prémio para a Sociedade Civil 2019 nos meios de comunicação social](#)

O Prémio para a Sociedade Civil 2019 é notícia em vários meios de comunicação social europeus

Bulgária – **BNR**: [Европейска награда за НАЯ](#)



Croácia – **Hina**: [Talijanskoj 'Ženskoj toponimiji' glavna nagrada EGSO-a za razvoj civilnog društva](#)

República Checa – **E15**: [Jedna z deseti ulic pojmenovaná po ženách je málo, tvrdí italské hnutí a apeluje na změnu](#)

Finlândia – **Mikrobitti**: [Mimmit koodaa -ohjelma pokkasi arvostetun kansainvälisen palkinnon - toiminta laajenee ensi vuonna](#)

Grécia – **Kathimerini**: [Η δράση για την ενδυνάμωση των γυναικών βραβεύεται από την ΕΟΚΕ](#)

Itália – **La Repubblica**: [Stop a una piazza nei vicoli dedicata a Fernanda Pivano](#)

Letónia – **Neatkarīgā Rita Avize**: [Briseles projekts – vairāk varas sievietēm](#)

Polónia – **Gazeta Wyborcza**: [Ogólnopolski Strajk Kobiet z nagroda Europejskiego Komitetu Ekonomiczno-Społecznego. "Kobiety wiedzą, co robia"](#)

Roménia – **Radio Romania International**: [Alo, Bruxelles? "Premiului CESE pentru societatea civilă 2019"](#)

Eslovénia – **Večer**: [Ste kdaj pomislili na žensko toponomijo?](#)

Notícias do CESE

[Associação italiana «Toponímia Feminina» vence Prémio CESE para a Sociedade Civil de 2019 dedicado à igualdade de género](#)



Em 12 de dezembro, o Comité Económico e Social Europeu (CESE) entregou prémios a cinco organizações da sociedade civil que defendem a igualdade de oportunidades para todos os géneros, sensibilizam para o potencial e as conquistas das mulheres e contribuem para a sua emancipação na sociedade e na economia europeias. O prémio de 50 000 euros foi repartido por cinco projetos vencedores. A associação italiana «Toponímia Feminina» recebeu o primeiro prémio, no valor de 14 000 euros. Os outros quatro vencedores receberam 9 000 euros cada um pela seguinte ordem: o movimento «Luta das Mulheres Polacas», a associação búlgara NAIA com o seu projeto «Contos de Fadas», a Associação de Software e Comércio Eletrónico da Finlândia com o seu programa «As Mulheres Codificam», e a rede belga «The Brussels Binder».



«Gostaria de agradecer a todos os candidatos, aos vencedores que estão hoje aqui presentes e a todos os participantes, pelas suas candidaturas impressionantes e enriquecedoras. Os seus projetos são a prova de que a Europa está pronta a cumprir o seu compromisso de tornar a sociedade verdadeiramente equitativa para todos os géneros. É graças a projetos como estes que as mentalidades estão lentamente a mudar. A exclusão das mulheres da vida pública e de posições de influência é cada vez mais considerada inaceitável, além de os estereótipos sobre o papel das mulheres já não serem de atualidade», declarou o presidente do CESE, **Luca Jahier**, durante a cerimónia de entrega dos prémios.

A vice-presidente responsável pela Comunicação, **Isabel Caño Aguilar**, afirmou: «Estou muito satisfeita por este ano o Prémio CESE para a Sociedade Civil se debruçar sobre a emancipação das mulheres. Os projetos que recebemos lutam por este fim. Começam com as crianças e com as perceções que nos influenciam indiretamente no nosso quotidiano, quando caminhamos na rua ou assistimos a uma conferência. Lutam contra a segregação horizontal no mercado de trabalho nos setores dominados pelos homens, tal como o setor das tecnologias da informação. Combatem as desigualdades, seja apelando ao nosso subconsciente através dos nomes das nossas ruas, seja em voz alta, através das suas vozes nas respetivas cidades de origem».

O vencedor deste ano, «**Toponímia Feminina**» («**Associazione Toponomastica femminile**»), quer reconhecer publicamente as mulheres, o que muitas vezes não existe ou há muito que devia existir, sensibilizando para o seu contributo para a sociedade e a História. A organização acredita que a toponímia – o estudo dos nomes dos lugares – é um bom indicador da forma como a sociedade valoriza os seus membros e, por isso, procura incluir mais mulheres notáveis nos mapas municipais e urbanos.

A sua pesquisa recente sobre os nomes dos lugares públicos em cerca de 90% dos municípios italianos indica que, por cada 100 ruas com nomes de homens, apenas 7,8 têm nomes de mulheres, dos quais cerca de 60% se referem a personalidades religiosas. Há muito poucos lugares com nomes de mulheres notáveis cientistas, empresárias, artistas e desportistas. A associação «Toponímia Feminina» está decidida a mudar essa situação.

O projeto tem tido reações muito positivas, contando com a participação de vários municípios, e, neste momento, a organização já coopera com outras associações da Europa, a fim de divulgar tais boas práticas.

Ao receber o prémio, **Maria Pia Ercolini**, presidente da referida associação, declarou: «*Necessitamos de legislação para mudar a*

sociedade, mas ela não é suficiente para mudar o comportamento de forma duradoura se não for apoiada por uma mudança paralela



da visão dos cidadãos. Há que apenas uma batalha feminista, mas sim uma batalha por uma sociedade fundada na solidariedade e pela civilização». *combater os estereótipos e os preconceitos. Esta não é*

O segundo prémio foi atribuído à «[Luta das Mulheres Polacas](#)», o maior movimento de mulheres da Polónia, que chegou às parangonas mundiais com a sua luta de «Segunda-Feira Negra», em 2016. Através de protestos e marchas, o movimento reivindica mais direitos para as mulheres e condena a repressão dos valores e liberdades fundamentais levada a cabo pelo governo. Procura agora emancipar as mulheres comuns de municípios polacos de pequena e média dimensão.



O projeto premiado da Bulgária, «[Contos de Fadas](#)», ficou em terceiro lugar. Este projeto é gerido pela **associação NAIA** e recorre aos contos de fadas clássicos para lutar contra os papéis estereotipados associados ao género incutidos nas raparigas e nos rapazes desde tenra idade, moldando as suas mentalidades e limitando as suas oportunidades e escolhas futuras.



Em quarto lugar ficou «**As Mulheres Codificam** » (ou [#mimmitkoodaa](#)), um programa criado pela **Associação de Software e Comércio Eletrónico da Finlândia** para combater o mito de que todos os criadores de programas são homens por definição. O programa encoraja as mulheres a procurarem oportunidades no setor informático e a visarem empregos e carreiras mais bem remunerados no futuro.

O quinto premiado é a rede belga «[The Brussels Binder](#)», uma base de dados de mulheres especializadas em políticas específicas gerida por um grupo de voluntárias que defendem uma maior representação das mulheres nos debates de política europeus, de forma a garantir que a legislação e as políticas europeias refletem as necessidades e as opiniões das mulheres.



O seu objetivo é converter-se num recurso de referência para melhorar a diversidade de género nos painéis de debate e nos meios de comunicação social, em Bruxelas e em toda a UE.

O tema deste ano, «Mais mulheres na sociedade e na economia europeias», atraiu 177 candidatos, o segundo maior número de candidaturas nos onze anos do prémio, apenas atrás do tema de 2016, a migração. Foram recebidas candidaturas de nada menos do

que 27 Estados-Membros, demonstrando o interesse generalizado dos cidadãos e das organizações da sociedade civil em iniciativas contra as desigualdades de género, que ainda perduram na Europa.

O Prémio CESE para a Sociedade Civil é atribuído para «recompensar a excelência em iniciativas da sociedade civil». Todos os anos, o prémio é subordinado a um aspeto diferente do trabalho do CESE. Em 2018, o prémio foi dedicado aos valores, à identidade e ao património cultural europeus como forma de reunir os europeus.

Mais informações sobre o Prémio para a Sociedade Civil de 2019 estão disponíveis [aqui](#). Para ver o vídeo sobre os projetos vencedores clique [aqui](#).

Nas palavras dos vencedores

[O que se esconde por trás de um nome: a toponímia no combate à disparidade de género](#)



A organização italiana *Toponomastica femminile*, vencedora do primeiro prémio, dedica-se ao combate às disparidades de género através da atribuição de nomes de mulheres notáveis a lugares como ruas, praças e parques. Maria Pia Ercolini defende que este reconhecimento simbólico das realizações destas mulheres em prol da comunidade pode contribuir enormemente para garantir às mulheres o lugar que lhes é devido na sociedade.

CESE Info: O que significa este prémio para si e para a sua organização?

Maria Pia Ercolini: O reconhecimento do nosso trabalho pela UE confere à nossa organização o prestígio necessário para formar redes internacionais e exportar boas práticas.

Que conselhos daria a outras organizações para obterem bons resultados em atividades e programas deste tipo?

Aconselharia a participação em grupos e projetos locais, nacionais e internacionais de todos os tipos, colocando sempre a tónica no trabalho das mulheres. Deste modo, por um lado, aumenta-se a visibilidade e a eficácia das organizações existentes e, por outro, desenvolve-se a consciência cívica e a responsabilidade de cada indivíduo na construção da sociedade, promovendo-se a formação de redes.

Como usarão este financiamento específico para ajudar a comunidade?

Pretendemos criar uma base de dados acessível a todos, tornar transparentes e visíveis as políticas toponomásticas regionais, internacionalizar a nossa atividade através da criação de um sítio Web multilingue com mapas e geolocalização de estradas com nomes femininos, publicar itinerários de género feminino no território europeu e ainda prestar serviços de aconselhamento e colaborar com administrações e associações interessadas.

Na sua opinião, qual é a melhor forma de combater os estereótipos de género e reduzir o preconceito? Por que razão pensa que combater os estereótipos de um ponto de vista mais simbólico e subconsciente pode ajudar a eliminar as conceções erradas e os preconceitos sobre o papel da mulher na sociedade?

Para combater os estereótipos e os preconceitos, é preciso atuar a níveis e planos diferentes, envolver todas as faixas etárias, assim como todos os grupos sociais e categorias profissionais, independentemente do género, e não excluir da reflexão comum os indivíduos mais relutantes. Os preconceitos nascem do simbólico e radicam em imagens e modelos que não refletem a complexidade de cada indivíduo nem dos géneros sociais. Para modificar reações e comportamentos instintivos, tem de se recorrer à observação desapaixonada das ações quotidianas.

[Movimento Strajk Kobiet \(Luta das Mulheres Polacas\) incentiva mulheres de pequenas cidades a lutar pelos seus direitos](#)



O movimento «Luta das Mulheres Polacas», vencedor do segundo prémio, é um movimento de cidadãos que surgiu na Polónia em 2016 como reação à tentativa do governo de abolir o direito das mulheres ao aborto. Desde então, o movimento tem vindo a crescer em todo o país e dinamizou várias ações que contaram com a participação maciça de mulheres de cidades polacas de pequena e média dimensão. Marta Lempart, que faz parte do movimento, partilha as suas ideias sobre a importância vital desta ação na Polónia de hoje.

CESE Info: Que significado tem este prémio para si e para a sua organização?

Marta Lempart: Sentimos que nos tornamos visíveis. As mulheres que fazem o trabalho ativista mais duro, onde não há câmaras de televisão, nem grandes meios de comunicação social, nem fotografias artísticas, sem terem qualquer reconhecimento, mas antes o ódio

horível destilado na Internet e através de outros meios, as mulheres comuns – professoras, vendedoras, mães, enfermeiras, cozinheiras e condutoras –, que são a mudança que querem ver nas pequenas e médias cidades da Polónia, ganham finalmente visibilidade e são apreciadas pelo seu sacrifício, pela sua coragem, pelas suas ideias, pelos seus esforços e pelos seus êxitos. O ponto de reconhecimento na narrativa histórica internacional, seja de autoria feminina ou masculina, é para quem não ambiciona alcançar fama, mas merece ser visto, ouvido e apoiado apesar de não ser da capital nem de uma cidade grande.

Isto também significa que chegou ao fim o tempo do feminismo urbano promovido por mulheres académicas pertencentes à classe dominante e privilegiadas; significa que agora quem assume a liderança são as mulheres comuns – que foram silenciadas, ignoradas, menosprezadas e consideradas «insuficientemente boas/qualificadas/eloquentes/preparadas/aceites» para serem feministas, ou seja, mulheres que todos os dias se arriscam, porque sabem, melhor que ninguém, que se trata de uma luta de vida ou de morte.

Que conselho daria a outras organizações para obterem resultados em atividades e programas deste tipo?

1. Acabar com o conselho de administração e, em vez disso, criar um serviço de assistência para coordenar e realizar os projetos. Nunca, mas mesmo nunca, criar e forçar projetos do topo para a base – acabar com as hierarquias, criar uma rede de apoio forte. Perceber que, se há responsabilidade absoluta pelos resultados, também tem de haver pleno poder de decisão. Financiar e apoiar, seja de que forma for, tudo o que se enquadre, mesmo que parcialmente, na visão organizacional – não procurar, nem forçar, uma correspondência absoluta com as suas ideias, pontos de vista e ações. Acreditar no que as pessoas dizem, no modo como se sentem e no que fazem.
2. Respeitar e encorajar o ativismo local como ponto de referência para todas as suas atividades, combater ativamente a ignorância e a arrogância dos meios de comunicação social em relação ao ativismo local, que geralmente passa despercebido e é ignorado pelos órgãos de comunicação social nacionais. Deixar de organizar reuniões, ateliês e conferências na capital do seu país.
3. Falar numa linguagem que seja compreensível.
4. Reconhecer o seu privilégio pessoal e refletir sobre esse facto 5 minutos todas as manhãs. Em seguida, utilizar isso para apoiar o que as pessoas fazem. Apoiar, todos os dias, pelo menos uma pessoa, mesmo que se discorde dela quanto aos seus métodos, estratégias ou ações. Assegurar que a voz da minoria na sua organização, a voz de quem nunca se pronunciou é sempre ouvida. As pessoas não podem ser forçadas a seguir um caminho, por mais razoável e eficaz que seja – precisam de liberdade para escolher e enveredar pelo seu próprio caminho. E assim que todos nós lá chegamos.
5. Ser amável. Não se aborrecer.

De que modo irá aplicar este financiamento específico para prestar mais ajuda à comunidade?

O financiamento será utilizado para prevenir e lutar contra o esgotamento das ativistas (fundo anti-esgotamento). A maioria das mulheres que participam neste movimento são pressionadas pelo Estado e pela sociedade (investigações policiais, ações penais), muitas delas são alvo de assédio e vítimas de ciberassédio, têm problemas no trabalho ou dificuldades em assegurar a sobrevivência das suas empresas, o que também tem impacto nos seus filhos e nas suas famílias. A pressão a que estão sujeitas e as muitas ações em que participam afetam a sua saúde mental, assim como a sua saúde em geral.

Uma parte do financiamento será utilizada para regressar às bases do movimento. Tencionamos contactar todas as pessoas que organizaram a primeira ação e que, por diversas razões, deixaram de participar no movimento – seja por motivos pessoais, seja porque aderiram a outras organizações ou tiveram conflitos pessoais – e organizar um encontro nacional por ocasião do 4.º aniversário da primeira ação, a realizar em 3 de outubro de 2020.

A Polónia tem uma longa história de ativismo feminista e foi uma das primeiras nações da Europa a conferir o direito de sufrágio às mulheres. No entanto, a Polónia é também influenciada por ideias conservadoras. Neste contexto, que significado tem este prémio para si?

Significa um grande apoio à linha da frente da luta de resistência ao populismo de direita e aos fanáticos religiosos – por serem mulheres que combatem ativamente a vaga que se levanta contra elas, fortemente patrocinada e organizada a nível internacional, e que resistem à irrupção de uma nova ordem mundial em que a pessoa humana não tem lugar, com a qual os governos e as instituições internacionais, aparentemente, não sabem lidar. Em 2016, a Polónia foi palco de ensaio para extremistas religiosos, com a ideia de uma proibição total do aborto. O facto é que perderam essa batalha. Esperavam encontrar pouca ou nenhuma resistência, mas as mulheres resistem e todos os dias travam um combate que é real.

«Violência doméstica é problema social e não do foro privado», defende associação NAIA



A associação búlgara NAIA, vencedora do terceiro prémio, combate há 20 anos a violência doméstica em pequenas comunidades desfavorecidas através do seu programa de assistência social a vítimas em condições particularmente difíceis. Ao mesmo tempo, dedica-se, como explica Svetla Sivcheva na entrevista, à prevenção, trabalhando com crianças de tenra idade para explorar formas de desconstruir e superar os estereótipos sociais, a fim de lhes abrir os horizontes e permitir a realização do seu potencial.

CESE Info: O que significa este prémio para si e para a sua organização?

Svetla Sivcheva: Trata-se de um prémio muito importante para a nossa organização. Há 20 anos que nos dedicamos a combater a violência contra as mulheres e as crianças, reunindo cada vez mais pessoas em torno da ideia de que se trata de um problema com relevância social e não de um problema do foro privado, e de que o combate à violência contra as mulheres é uma responsabilidade do Estado, das instituições e de todos os cidadãos. Trabalhamos com grupos vulneráveis de pequenas cidades e aldeias com muitos problemas sociais – pobreza, desemprego, abandono escolar e falta de cuidados de saúde. É muito difícil, nesta situação, proteger os direitos das mulheres, capacitá-las, levá-las a acreditar no seu potencial e a sentirem-se realizadas tanto do ponto de vista social como económico. Apesar destas dificuldades, levámos o nosso trabalho avante e este prémio é o reconhecimento da nossa perseverança e persistência e enaltece os esforços que desenvolvemos no sentido de mostrar quão importante e valioso é para a sociedade que mulheres e homens beneficiem das mesmas oportunidades.

Que conselhos daria a outras organizações para obterem bons resultados em atividades e programas deste tipo?

Não há praticamente nenhum conselho a dar, porque muito foi já feito pela sociedade civil nesta matéria, embora seja um assunto que nem sempre é objeto de destaque nem está no centro das atenções dos políticos. As organizações não governamentais e os cidadãos experimentam constantemente novas ideias e criam boas práticas a nível da UE, partilhando experiências e conhecimentos especializados. Temos a expectativa de que o trabalho da sociedade civil dê origem a uma reflexão sobre a adoção de verdadeiras políticas estatais eficazes, que enviem um sinal claro de que esta questão é uma prioridade e há vontade ao mais alto nível de promover e garantir a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres em todas as esferas da vida social e económica. Em certos Estados-Membros, registaram-se alguns retrocessos no que toca à prevenção da violência de género e à consecução da igualdade de género, o que é extremamente preocupante. Esperamos que a UE e os governos nacionais demonstrem uma vontade política inequívoca em defender os valores europeus comuns, nomeadamente a igualdade de oportunidades entre mulheres e homens.

Como usarão este financiamento específico para ajudar a comunidade?

Vamos utilizar este dinheiro para financiar o nosso programa para a igualdade de género. A nossa organização não dispõe de grandes recursos financeiros e os serviços prestados às vítimas de violência doméstica são sempre prioritários e não podem ser interrompidos. Temos tido dificuldade em financiar atividades que visem a igualdade de género. Utilizaremos este financiamento na prevenção da violência contra as crianças, mas também no trabalho com mulheres empresárias e na defesa de uma maior presença feminina na política e na tomada de decisões. Estes recursos financeiros permitir-nos-ão informar e apoiar um maior número de mulheres de comunidades pequenas e fechadas, e isto tem um valor inestimável.

O vosso projeto envolve pais e crianças em idade pré-escolar. Por que motivo é importante falar com as crianças de tenra idade sobre a igualdade de género? De que forma os contos de fadas as ajudam a compreender a mensagem sobre a importância da igualdade entre mulheres e homens?

Focamo-nos no problema da inculcação de estereótipos de género desde tenra idade, sob a influência dos pais, dos professores e das outras crianças. Muitos dos estereótipos culturais e dos símbolos sociais que as crianças interiorizam na primeira infância permanecem com elas na idade adulta e passam a ser a norma. Isto impede os rapazes e as raparigas de se exprimirem livremente e encoraja-os a comportarem-se de uma forma que é considerada socialmente adequada. Para romper este ciclo, é importante que as crianças sejam incentivadas desde cedo a ver mulheres e homens em papéis diferentes dos tradicionais, a avaliar o seu potencial e as suas capacidades e a crer que os seus conhecimentos e competências são valorizados da mesma forma pela sociedade e importantes para esta.

Os contos de fadas clássicos para crianças constituem uma ótima ferramenta para abordar diferentes assuntos com crianças de tenra idade, incluindo a igualdade entre mulheres e homens, em termos que lhes são acessíveis e compreensíveis. Trabalhamos com contos de fadas e com as suas personagens no intuito de abrir novas possibilidades para as raparigas e os rapazes – qualidades, interesses e potencialidades que lhes permitam sentir-se realizados em papéis não estereotipados e ser reconhecidos como igualmente valiosos e relevantes.

Projeto #mimmitkoodaa penetra baluarte da segregação de géneros: o setor das tecnologias da informação



A principal missão da associação finlandesa de *software* e comércio eletrónico «Ohjelmisto- ja e-business ry», vencedora do quarto prémio, é aumentar o número de mulheres com conhecimentos de informática. A referida associação organiza sessões gratuitas de aprendizagem prática para mulheres sem experiência anterior de programação, ajudando-as a prosperar no setor informático. Rasmus Roiha e Milja Köpsi revelaram-nos a filosofia do #mimmitkoodaa e a forma como a organização tenciona utilizar o dinheiro do prémio.

CESE Info: O que significa este prémio para vós e para a vossa organização?

Rasmus Roiha e Milja Köpsi: Sentimo-nos extremamente gratos e privilegiados e estamos ainda mais motivados para prosseguir o nosso trabalho com o #mimmitkoodaa. O impacto do nosso programa será ainda maior à medida que este for aumentando o número de participantes e alargando o seu alcance. Neste momento, mais de cinco mil mulheres e dezenas de empresas participam no programa. O nosso objetivo é chegar às dez mil mulheres e a uma centena de empresas nos próximos dois anos. O prémio do CESE proporcionou ao programa uma exposição mediática positiva e ajudou a angariar mais parceiros dedicados.

Que conselhos dariam a outras organizações para obterem bons resultados em atividades e programas deste tipo?

Sejam específicos. Apresentem soluções concretas e não se limitem a oferecer um seminário ou a aumentar o fluxo de informação. Geralmente, é fácil obter participantes para os diversos programas, em especial quando há componentes gratuitas. No nosso caso, o fator determinante foi lograr a adesão das primeiras empresas, pois são elas que realizam o trabalho pesado inicial: pagam uma taxa pelos eventos de lançamento (construção da comunidade) e comprometem-se a organizar sessões de aprendizagem para os níveis iniciais (trabalho logístico e prático). Seleccionámos e convidámos as primeiras oito empresas, o que nos permitiu ter empresas de topo empenhadas no programa. A partir daí, foi mais fácil crescer. Assim, arrançar com alguma coisa prática é uma excelente forma de validar a ideia do programa ou mesmo qualquer ideia de lançamento de um projeto.

Como usarão este financiamento específico para ajudar a comunidade?

Em 2020, pretendemos expandir o programa #mimmitkoodaa por toda a Finlândia. Lançaremos eventos inspiradores a fim de partilhar histórias de carreiras e dicas de aprendizagem, mostrar as profissões e/ou as oportunidades de negócio e de trabalho no setor informático e evidenciar a forma como as mulheres podem transpor a sua experiência individual, tanto a nível pessoal como profissional, para o campo da tecnologia.

Estão também previstas mais sessões práticas, que são muito procuradas, em que as mulheres podem experimentar diferentes tipos de sistemas de gestão de conteúdos, linguagens de programação, ensaios com inteligência artificial, «pirataria ética», etc.

A associação finlandesa de *software* e comércio eletrónico publica histórias positivas de carreiras femininas, permitindo que as mulheres se inspirem e apoiem mutuamente e comecem a encarar as TIC como uma opção profissional. Em que medida consideram que esta ação contribui para que as mulheres encontrem o seu lugar no setor informático?

O poder dos exemplos e dos modelos a seguir é um elemento extremamente valioso do nosso programa. Quando se apresentam diferentes tipos de pessoas com diferentes tipos de carreiras, todas conseguem encontrar exemplos e incentivos para os respetivos percursos. Deste modo, podemos reduzir e eliminar preconceitos (conscientes ou inconscientes) que existem ainda hoje no setor da informática.

Além disso, estamos a criar uma estrutura para as mulheres que já trabalham neste ramo ou que estão interessadas em seguir esta via. Realizámos uma sessão de perguntas e respostas em direto no Instagram cuja participação foi mais do que satisfatória. Foi uma iniciativa inédita no setor.

A vossa rede tenciona também motivar as jovens estudantes a optarem por disciplinas CTEM, ou já conseguiram chegar até elas com o projeto atual?

O projeto #mimmitkoodaa destina-se às mulheres adultas, mas já constatamos que estas são um exemplo ativo para as mais jovens. As mulheres adultas com conhecimentos, ainda que básicos, do desenvolvimento de *software* e das possibilidades que o *software* proporciona através da digitalização, por exemplo, têm melhores oportunidades de carreira, o que se refletirá nas suas redes de contactos, família e amigos.

The Brussels Binder: dar cara nova aos bainéis de oradores em Bruxelas



Bruxelas acolhe um grande número de debates por ano. Dois terços dos oradores desses painéis são do sexo masculino. No entanto, há muitas mulheres que poderiam trazer experiência e diversidade aos debates da UE. A criação de uma plataforma que possa funcionar como ponto de encontro entre especialistas do sexo feminino e organizadores de painéis de debate à procura de oradores tem sido a base da estratégia da The Brussels Binder para combater este desequilíbrio. O CESE Info falou com Juliane Schmidt sobre a estratégia global da associação para mudar o rosto masculino dos painéis de oradores em Bruxelas.

CESE Info: O que significa este prémio para si e para a sua organização?

Juliane Schmidt: A The Brussels Binder procura induzir uma mudança cultural em que a igualdade de representação entre homens e mulheres passe a ser a norma. O prémio do CESE é o reconhecimento da importância desta nossa luta. Ganhar este prémio significa dar destaque à questão da representação das mulheres, além de honrar os nossos esforços no sentido de contribuir para uma sociedade civil dinâmica em toda a Europa.

Que conselhos daria a outras organizações para obterem bons resultados em atividades e programas deste tipo?

A The Brussels Binder assenta numa abordagem muito integradora, com o objetivo de criar sinergias com diferentes parceiros e, a longo prazo, criar uma rede de organizações e grupos que partilhem da nossa visão em toda a UE. Enquanto organização, seguimos os princípios feministas de liderança, nomeadamente a partilha do «poder com os outros» e a promoção do «poder intrínseco de cada um». Trabalhamos com voluntárias, mulheres movidas pela visão de mudar a sociedade, e valorizamos a inserção e a transparência: todos os membros podem fazer ouvir as suas ideias e opiniões!

Como usarão este financiamento específico em prol da comunidade?

Para além de nos permitir melhorar a qualidade técnica da nossa base de dados e do sítio Web (brusselsbinder.org), este financiamento ajudar-nos-á na realização de ações de formação e seminários (para profissionais qualificadas, bem como para sensibilizar as organizações e as empresas), na disponibilização de ferramentas para organizadores de conferências e respetivos participantes, e na organização de encontros e outros eventos para construir uma comunidade de especialistas e profissionais qualificadas.

As quotas de género fazem parte de uma tendência global para melhorar a representação das mulheres nos órgãos de decisão. Qual é a sua posição relativamente a esta questão? Considera que a definição de quotas é decisiva para alcançar um equilíbrio de género nos painéis de oradores e nos organismos? É necessário outro tipo de medidas?

O estabelecimento de quotas é uma oportunidade para mudar mentalidades, sensibilizar e ajudar a evitar preconceitos e práticas inconscientes. Ao mesmo tempo, é uma abordagem bastante controversa e fraturante. É importante reconhecer que as quotas devem ser um meio para atingir um fim e não um fim em si mesmo. E devem ser acompanhadas de outras medidas, como campanhas de sensibilização e formação (para gestores e profissionais qualificadas).

Editores:

Ewa Haczyk-Plumley (editor-in-chief)
Daniela Marangoni (dm)

Colaboraram nesta edição:

Agata Berdys (ab)
Anna Comi (ac)
Daniela Marangoni (dm)
Laura Lui (ll)

Coordination:

Agata Berdys (ab)
Katerina Serif (ks)

Endereço:

Comité Económico e Social Europeu
Edifício Jacques Delors, Rue Belliard,
99, B-1040
Bruxelas, Bélgica
Tel. +32 2 546 94 76
Correio eletrónico:
eescinfo@eesc.europa.eu

O CESE Info é publicado nove vezes por ano, por ocasião das reuniões plenárias do CESE. Está disponível em 23 línguas.

O CESE Info não pode ser considerado como o relato oficial dos trabalhos do CESE, que se encontra no Jornal Oficial da União Europeia e noutras publicações do Comité.

A reprodução, com menção do CESE Info como fonte, é autorizada (mediante envio da hiperligação à redação).

Janeiro 2020/1

02-2020